

**UNEMAT Editora**

**Editor:** Maria do Socorro de Sousa Araújo

**Capa Final:** Ricelli Justino dos Reis

**Diagramação:** Ricelli Justino dos Reis

Editora UNEMAT 2015

*online*

**Conselho Editorial:**

Maria do Socorro de Sousa Araújo (Presidente)

Ariel Lopes Torres

Luiz Carlos Chieriegatto

Mayra Aparecida Cortes

Neuza Benedita da Silva Zattar

Sandra Mara Alves Silva Neves

Severino de Paiva Sobrinho

Tales Nereu Bogoni

Roberto Vasconcelos Pinheiro

Fernanda A. Domingos Pinheiro

Roberto Tikao Tsukamoto Júnior

Gustavo Laet Rodrigues

**Revista História e Diversidade/Expediente:**

**Coordenadores /Organizadores:** Osvaldo Mariotto Cerezer

Marli Auxiliadora de Almeida

História e Diversidade [recurso eletrônico] / Revista do Departamento de História. Cáceres: UNEMAT Editora. Vol. 6, nº. 1, (2015), 232 p.

Modo de acesso:<<http://periodicos.unemat.br/index.php/historiae-diversidade>>Semestral.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader (ou similar).

ISSN: 2237-6569

1. História. 2. Diversidade Cultural.

CDU 94+304.4 (05)

Editora UNEMAT

Avenida Tancredo Neves nº 1095 - Cavalhada

Fone/fax: (0xx65) 3221-0077

Cáceres-MT – 78200-000 - Brasil

E-mail: [editora@unemat.br](mailto:editora@unemat.br)

# Revista



**Textos Extras**



## PERCEÇÃO DE UMA PEDAGOGIA COLONIAL

Fábio Falcão Oliveira<sup>1</sup>  
Faculdade de Conchas/SP  
E-mail: atelc\_off@hotmail.com

**RESUMO:** O presente artigo tem como finalidade mostrar um pouco da configuração como Alexandre de Gusmão entendia a educação. A pedagogia se manifesta, neste sentido, como *práxis* e forma de perceber o mundo. Mas toda aplicação de Alexandre de Gusmão está pautado nos documentos da Companhia de Jesus. O *Ratio Studiorum* e as *Normas Complementares* sempre se apresentam como bases de construção do discurso deste jesuíta. Alexandre de Gusmão contribui e oferece sua parcela de contribuição e possibilita entendermos como a educação apresenta-se no âmbito dos bons costumes.

**Palavras-Chave:** Bons Costumes, *Ratio Studiorum*, *Normas Complementares*, Professores, Mães e Educação.

**ABSTRACT:** This article aims to show some of the configuration as Alexandre Gusmão understand education. The pedagogy is manifested in this sense as praxis and way of perceiving the world. But every application Alexandre de Gusmão is guided in the Company's documents of Jesus. The *Ratio Studiorum* and the *Complementary Norms* always present as speech construction bases of this Jesuit. Alexandre de Gusmão contributes and offers its portion of contribution and enables understand how education is presented in the context of Good Costumes.

**Key Words:** Good Costumes, *Ratio Studiorum*, *Complementary Norms*, teachers, mothers and Education.

### Introdução

É impossível imaginar o Brasil colonial sem a participação dos jesuítas que direcionaram desde 1549 um projeto educativo que foi viabilizado pela catequese. Por via do Padre Nóbrega a Companhia de Jesus consegue estabelecer uma via de formação pedagógica e disciplinar que tinha por finalidade a prática docente.

Com isto, a Companhia de Jesus aciona uma pedagogia com caráter inteiramente instrutivo e disciplinar que leva seus padres a estabelecerem uma forma prática educativa. Havia muitos jesuítas que podemos chamar de percussores da educação nas terras brasileiras, mas aqui, destacamos no âmbito da Companhia de Jesus, Alexandre de Gusmão nascido em 14 de agosto 1629 em Lisboa, chegando ao Brasil em 1634, aos 05 anos de idade. Na infância é matriculado no colégio da Companhia de Jesus no Rio de Janeiro no dia 27 de outubro de 1646.

1 Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos – SP. Este artigo foi aceito para apresentação no XVIII Jornada Argentina de História da Educação na Universidad Nacional de General Sarmiento, dia 20 de Novembro de 2014 – o Título foi mudado para uma versão em Língua portuguesa pois o título original era “Pedagogia Gusmanina: percepciones de una educación colonial”.

Filho de Joana Gusmão e de Emanuel Vilela Costa cuja função no governo português se destacava no fronte militar, eram pessoas que representavam à nobreza portuguesa.<sup>2</sup> Alexandre de Gusmão escreveu várias obras importantes no Brasil colonial<sup>3</sup>; suas cartas, entre tantas serventias, enquadram-se como documentário para analisarmos sua prática pedagógica e política na colônia brasileira quando foi por uma vez vice-Provincial (1693/1694) e duas Provincial (1684/1687, 1694/1697).<sup>4</sup> Ele exerce um papel fundamental na colônia portuguesa.

Entendemos que a proposta de Alexandre de Gusmão apresenta-se no seu modelo final quando funda o Seminário de Belém da Cachoeira que se localiza na cidade de Cachoeira, hoje se defini a localidade como “recôncavo baiano”. Mas algumas das particularidades do Seminário de Belém da Cachoeira podem ser vistas de maneira clara em duas obras deste jesuíta. A *Escola de Belém* de 1678 e a *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia* de 1685.

Neste artigo apenas trabalharemos de forma rápida a questão dos bons costumes que aparece em algumas obras deste autor, mas focaremos principalmente na *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia*. Outros elementos podem estar presentes e neste aspecto, citaremos outras obras para além de Alexandre de Gusmão, porém, objetivamos entender de forma sucinta como este conceito trás consigo elementos pedagógicos que definem a pedagogia no Brasil do século XVII.

Alexandre de Gusmão não está desprovido dos documentos da Companhia de Jesus. O *Ratio Studiorum* e as *Normas Complementares* aparecem como esteio para construção do discurso do jesuíta. Alexandre de Gusmão contribui desta maneira para uma prática educativa na região da Capitania do Paraguaçu e possibilita entendermos como a educação apresenta-se no âmbito dos bons costumes.

2 Na obra de Machado (1741, p. 95) a “Bibliotheca Lusitana – História, Crítica e Cronologia, Tomo I”, o autor inicia a contagem dos dias de Alexandre de Gusmão argumentando que em 1646 “na tenra idade de dez annos passou com seus Pays ao Brasil onde instruído com as primeiras letras abraçou o instituto da Companhia de JESUS, quando contava dezessete annos, em o Collegio da Bahia a 28. De Outubro de 1646”. O autor Silvia (1858, p. 32) ao escrever uma obra similar intitulada “Dicionário Bibliográfico Português/ Aplicáveis a Portugal e ao Brasil, Tomo I”, argumenta que essa data é 1646: “Jesuíta, cuja *roupeta* vestiu no collegio da cidade da Bahia a 28 de Outubro de 1646”. Os dois autores entendem que foi no colégio da Bahia que Alexandre de Gusmão se matriculou na Companhia em 1646. Mas ficamos com a versão de Leite (1949, Tomo VII) e também a tese de doutorado “Alexandre de Gusmão: Da Literatura Jesuíta de Intervenção Social” de Freitas (2011) indicam que Alexandre de Gusmão matricula-se em 1646 no colégio do Rio de Janeiro e não na Bahia conforme indicam os autores.

3 Aqui listamos algumas obras de Alexandre de Gusmão: *Escola de Bethlem, Jesus Nascido no Prezepio*. Évora: Na Officina da Universidade, 1678; *Arte De Crear Bem Os Filhos Na Idade Da Puerícia*. Lisboa. Officina de Miguel Deslandes, Rua da Figueira, 1685; *História do Predestinado Peregrino, e seu Irmam Precito*. Évora: Officina da Universidade, 1685; *Sermão Que Pregou na Cathedral da Bahia de Todos os Santos*. Lisboa. Officina de Miguel Manescal, 1686; *Meditação para Todos os dias da semana*. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1689; *Rosa de Nazareth nas Montanhas de Hebron*. Lisboa: Officina Real Deslandesiana, 1715; *Eleiçam Entre o bem, & mal eterno*. Lisboa: oficina de Música, 1720; *Árvore da Vida, Jesus Crucificado*. [Obra Posthuma dada à estampa pelo P. Martinho Borges]. Lisboa: Officina De Bernardo Da Costa Carvalho, 1734; *O corvo, e a Pomba da arca de Noé no Sentido Allegorico, e Moral*. [Obra Posthuma]. Lisboa: Officina de Bernardo da Costa de Carvalho, 1734.

4 Sobre as datas do início do provincialato, Alexandre de Gusmão inicia no final do ano de 1683 conforme mostrado por Leite (1945, Tomo V, p. 84). Mas na lista dos Provinciais do Brasil Alexandre de Gusmão aparece iniciando seu provincialato no ano de 1684 (Leite, 1949, Tomo VII, p. 456). Acreditamos que as distâncias no Brasil colonial dificultavam transmitir as notícias e por isso, talvez, Alexandre de Gusmão mesmo sabendo que foi nomeado no ano de 1683 só tomou posse definitiva do provincialato no ano de 1684. Por isso entendemos que o ano de 1684 inicia o seu cargo de Provincial.

## Seminário: uma perspectiva da pedagogia jesuítica.

A prática educativa de Alexandre de Gusmão ao longo de sua vida sempre teve como intento fundar um Seminário com ideia de “caráter popular, para que nele se criarem os filhos dos moradores, sobretudo os *pobres*, que viviam no sertão, e poderem estudar não só os primeiros elementos de ler e escrever, mas também latim e música” (LEITE, 1945, Tomo V, p. 167).

Desde a fundação dos colégios de ler-e-escrever por Nóbrega no ano de 1549 até a abertura do Seminário de Belém em 1686 são 137 anos de experiência pedagógica nas terras brasílicas. Alexandre de Gusmão assimila estas experiências concentrando suas forças na elaboração de obras literárias que visavam anunciar os benefícios da Companhia de Jesus, as leis escolares, as fundações da instituição, como deveria ser a relação dos indivíduos com a criança, com a Coroa, com Cristo, com o mundo, etc.

A cidade escolhida para fundar o Seminário foi Cachoeira na Bahia e segundo Alden (1996, p. 221), esta cidade (apesar de ser pequena) era um centro crescente dentro da baía de Todos os Santos em Salvador, “lies the small hill town of Belém da Cachoeira”<sup>5</sup>.

Alexandre de Gusmão se constituiu no interior da Bahia e não nos grandes centros como de costume fundava-se escolas para educar crianças. Percebemos que Alexandre de Gusmão descentraliza a pedagogia das grandes cidades e apresenta ao interior da Bahia possibilidade de fixar uma escola: “It was the in about 1686 that the fathers established their only interior educacional facility in Bahia, the seminary of Belém, a preparatory school to train Christian boys in reading, writing, Latin, and music” (ALDEN, 1996, p. 221) <sup>6</sup>.

Esta única instalação escolar do interior da Bahia resulta numa *demonstração prática educativa* que tem como base duas obras escrita por Alexandre de Gusmão; elas são defendidas por Leite (1945, Tomo V, p. 189-190) como sendo os fundamentos do Seminário, são elas: “*Escola de Belém, Jesus Nascido no Presépio*” e a “*Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia. Dedicado ao menino de Belém, Jesus Nazareno*”. O Seminário se apresenta com caráter único e seus traços pedagógicos seguem seu criador.

Sobre a cidade, Riedel (1959, p. 31) descreve Cachoeira como local tradicional do engenho de cana de açúcar e tabaco, herança de um Brasil colonial. A produção de açúcar e tabaco enriquecia as cidades do recôncavo baiano, Currálinho, Salgado, Genipapo, Santo Amaro e, sobretudo Cachoeira. Estas duas últimas em especial, tinham fazendas imponentes, com grandes dependências, com grandes plantações de café, fumo, e mandioca.

Alexandre de Gusmão escolhe a cidade de Cachoeira e o distrito de Belém como partida de seu projeto educativo por causa de sua localidade. A preferência da localidade como boa escolha da construção do Seminário pode ser visto claramente quando Pitta fala de que maneira a localidade favorecia a colônia.

5 “Fica a pequena cidade montanhosa de Belém da Cachoeira” – traduzido pelo autor.

6 “Foi a cerca de 1686 que os pais (jesuítas) estabeleceram sua única instalação Educacional no interior da Bahia, o Seminário de Belém, uma escola preparatória para treinar meninos cristãos em leitura, escrita, latim e música” – traduzido pelo autor, acréscimo na tradução entre parênteses feita pelo tradutor.

Quatorze léguas da cidade da Bahia está a vila de Nossa Senhora do Rosário da Cachoeira, que toma o nome do rio em cujas ribeiras fora edificada; uma distância pelo seu terrestre continente se eleva grande porção de terra, cujo cume se estende em dilatadíssima campina, fertilmente amena pela frescura e suavidade dos ares, pela alegria e distância dos horizontes, pela produção e fecundidade do terreno, e finalmente pelo concurso de muitas e cristalinas águas (PITTA, 1958, p. 335).

Chegando ao Seminário de Belém, vemos duas coisas: o cruzeiro que ficava em frente à Igreja e a torre da Igreja. Na frente do Seminário encontra-se um descampado de aproximadamente 200 metros<sup>7</sup>. Entendo que era o local onde os comboios reabasteciam e descansavam antes de entrarem no sertão baiano. Pereira também descreve em sua obra *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*, que após a descoberta das Minas Gerais, “o porto de Cachoeira se tornou a verdadeira entrada dos sertões”, adquirindo importância econômica. Nesta época existiam em cachoeira duas rotas comerciais: “o Porto e o Seminário de Belém” (PERREIRA, 1959, p. 46; PITTA, 1958, p. 335).

Este Seminário apresentou uma forma peculiar de internação que completa com a forma educativa da *práxis* jesuítica. Matricular uma criança no Seminário de Belém era possibilitar o ingresso do indivíduo a sociedade portuguesa, na cidade; conhecendo as letras, o cálculo, aprendendo música, diversas artes e ofícios, etc, tudo conforme a *Ratio Studiorum*.

Alexandre de Gusmão quando planeja a fundação deste Seminário acaba conferindo ao Brasil uma proposta educativa no interior baiano. Educação que tinha por atribuição a prática de ensino médio que perspectivava preparar o indivíduo para ingressar na Universidade em Portugal.

O Seminário era o símbolo do recôncavo<sup>8</sup>, e poderia ser entendido como a construção de um homem que assimilou as letras da Companhia fazendo-as seu manto sagrado. Com isto, educar crianças é a principal importância de Alexandre de Gusmão comenta na parte *Prólogo ao Leytor*:

He tam próprio da Companhia de IESU atender à boa instituição dos mininos nos primeiros anos de sua puerícia, q faz disso especial mençam na forma de sua posissam; porq sendo seu instituto ensinar as boas artes, & inculcar os bons costumes a todos para maior gloria de Deus, & bem das Almas, neste particular de instruir mininos, quiz seu Fundador, alumiado pelo Espírito Santo, que ouvesse causa occupandose a Companhia em ensinar aos mancebos as sciências maiores, nam sómente em escolas

7 Sobre o descampado, Abreu (1969, p. 220) informa que encontrou uma coleção de manuscritos que foi oferecido para Biblioteca Nacional por João Ribeiro Martins. Estes papéis encontra-se o título *Narração da viagem e descobrimento que fez o sargento mor Francisco de Mello Palheta no Rio da Madeira e suas vertentes ... desde 11 de Novembro de 1722 até de Setembro de 1723*, neste documento encontra-se uma das maiores expedições aos sertões baiano e o local de partida era o descampado em frente a Igreja e ao Seminário de Belém; o nome desta localidade era “Praça do Grão Pará”...

8 Não vamos nos deter sobre particularidades da fundação do Seminário de Belém. Mas se o leitor tiver curiosidade em pesquisar recomendamos consultar: Leite e sua obra “História da Companhia de Jesus no Brasil, Tomo V 1945, p. 168”; Também recomendamos a “*Carta do P. Alexandre de Gusmão Provincial ao P. Geral Tirso González, da Baía, 4 de junho de 1687* [Seminário do P. Alexandre de Gusmão em Belém da Cachoeira], que pode ser encontrada nos *Anexos* da obra de Freitas (2011); Viotti (1993, p. 61) na obra “O Anel e a Pedra/dissertações históricas” trás informações interessantes não só sobre o seminário como todo conjunto educativo jesuítico.

publicas, mas em doutissimo comentários, com que cada dia sahe a luz (GUSMÃO, 1685, *Prólogo ao Leytor*, fls. iij)<sup>9</sup>.

Na *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia*, os bons costumes devem ser compreendidos como um projeto de vida, uma projeção do ser, uma maneira particular que poderia ser ensinado à criança desde seus primeiros anos de vida. Os bons costumes ensinados por Gusmão possibilita a criança distinguir as alterações vividas pelo seu próprio ser: alertando sobre o que é bom e mal, justiça e injustiça, ânimo e preguiça, amor e mimo, etc. Habituá-lo, acostumar-se...

Adquirir bons costumes está relacionado com o respeito, os valores e a religiosidade portuguesa. Essa dádiva é aprendida por meio dos pais e professores despertando aos poucos as percepções da criança levando-as a entender o mundo e a sua existência.

A administração do Seminário ficaria a cargo dos Superiores; “tentativa já de europeização de casas, pensionatos cuja criação é anterior à fundação da Companhia de Jesus” (LEITE, 1945, Tomo V, p. 169). Alexandre de Gusmão possibilitou aos filhos dos fazendeiros, dos funcionários da coroa, moradores dispersos, aqueles que estão longe dos centros populosos estudarem - como pensionatos e colégios internos na Europa, as despesas seriam individuais e cobertas pelas pensões dos próprios internos<sup>10</sup>.

Alexandre de Gusmão e seu desejo de fundar um Seminário tinha exemplo a seguir, não apenas Nóbrega e sim, o próprio fundador da Ordem. Com uma Alemanha ameaçada pela Reforma Protestante, o Duque da Baviera, Guilherme IV pediu a Inácio que mandasse Jesuítas para evangelizá-la. O projeto jesuítico deveria revitalizar a Alemanha numa renovação eclesial. Quando Loyola (2006) enviou cartas ao novo Duque, Alberto V, e comentou sobre *Meios para o fim secundário*, isto é, *para promover a Companhia na Alemanha*, lembrou que bom seria se pudessem ter nas suas terras seminários, pois:

Procure-se fundar o Colégio de modo que não pareça que os nossos intervêm, mas que se veja que o fazem pelo bem da Alemanha, sem nenhuma aparência de ambição ou cobiça. Será conveniente também advertir que a Companhia não quer para si, dos Colégios, senão o trabalho e o exercício da caridade, pois usa as rendas em benefício dos estudantes pobres, para que, acabados os estudos, sejam operários úteis na vinha de Cristo. (LOYOLA, 2006, p. 296)

Viotti (1993, p. 62) entende que foram com os colégios e seminários que os jesuítas asseguraram, antes de qualquer coisa, “o recrutamento e formação do clero regular e

9 A “Arte De Criar Bem Os Filhos Na Idade Da Puericia” é uma obra publicada em Lisboa na Oficina de Miguel Deslandes, Rua da Figueira. Havia um costume da época colonial de indicar na introdução ao leitor as intenções da obra. Alexandre de Gusmão separa a introdução em *Ao Minino de Belém Iesu Nazareno* e *Prólogo ao Leytor*. Conforme o costume colonial a paginação dessas partes não são feitas por números conforme o convencional e sim por letras. Por isso quando a citação no corpo do texto estiver sendo indicado por letras significa ser a parte de apresentação da obra. Tanto para *Arte De Criar Bem Os Filhos Na Idade Da Puericia* como outra obra que citaremos neste artigo, chamada *Meditações para todos os dias da Semana*.

10 Tanto Leite (1949, Tomo VII) na obra “História da Companhia de Jesus no Brasil” como Viotti (1993) “O Anel e a Pedra/ dissertações históricas” estão de acordo com isto e entendem o caráter do Seminário como um divisor prático da evolução pedagógica.

secular”. A proposta educativa dos jesuítas residia no marco do exercício prático pedagógico que Alexandre de Gusmão anseia.

A preocupação em fundar Seminário em Belém tem como inspiração o fundador da Companhia de Jesus. A instrução e educação dos jovens foram primordiais para que o fundador ponderasse sobre fundação de Seminários. Inácio de Loyola pensou em quatro formas de seminários, ou estruturas educacionais que comportasse a ideologia da Companhia.

Em *Carta ao Padre Pedro Canísio*, seguindo as normas do *Concílio de Trento* e sua aplicação, escreveu que era necessário pelo menos quatro faculdades, ou seminários para desenvolver (i) a formação da juventude, (ii) ensinar a doutrina cristã, (iii) estabelecer o ensino e a prática dos bons costumes e por fim, (iv) possibilitar que o ensino permeie na piedade e nas letras. A primeira estrutura educacional que foi citado é referente aos religiosos que costumam desempenhar cargos semelhantes:

Para isso seria de grande proveito S. M. R. cuidasse de que, nos mosteiros ou colégios, aumente o número de alemães, tanto da Companhia de Jesus como de outros, tanto em Viena como noutras universidades suas. Assim, dedicando-se às letras mediante a real liberalidade, poderão depois sair excelentes pregadores, professores e confessores. (LOYOLA, 2006, p. 342)

A segunda seria o modelo do Colégio Germânico de Roma, para onde poderia enviar muitos jovens inteligentes, pagando-lhes as despesas: “Todos eles seriam devolvidos às suas terras quando estivessem bem formados em boas letras e costumes”. E ainda conclui: “não lhe parecer melhor fundar em Roma outro colégio semelhante, para os das suas províncias de Áustria, Hungria, Boémia e Transilvânia” (LOYOLA, 2006, p. 342).

A terceira é de novo os colégios cuja estrutura lembra muito a segunda forma de ensino, o Germânico de Roma, “que poderia fundar nas suas universidades, sob o ensino de homens doutos e piedosos” (LOYOLA, 2006, p. 342- 244). Os alunos depois de terem aprendido, tomariam cura de almas, se tornariam mestres de escola ou pregadores. A quarta forma ou o “quarto seminário, seria de colégios onde estudariam jovens nobres e ricos à sua custa, que fossem depois aptos para dignidades seculares e eclesiásticas, inclusive as mais elevadas” (Ibidem, 2006, p. 243).

O que diz respeito aos jesuítas, a educação e catequese, a aplicação pedagógica para educar meninos revelam problemas de significações porque o Brasil apenas começava nascer para uma cultura escolar, sem tradição nem pedagogia, nem velhas universidades, nem se quer um recanto ao qual pudesse refletir. As escolas primárias estavam no âmbito da Igreja e mostra sua aproximação com a metrópole, com a comunidade dos cristãos, ajuda na estrutura administrativa, no serviço catequético e no projeto de colonização.

Havia uma construção e desenvolvimento escolar que civilizava, ou melhor, funda-se uma cultura que leva o homem (o indígena, o filho do português, o próprio português na colônia) a compreender o mundo em sua volta. Havia uma medida de racionalidade por parte dos jesuítas. Racionalização que deslumbra um processo que resulta num planejamento evidenciando sua experiência.



Essa construção e desenvolvimento da humanidade realizaram-se num processo de milhares de anos. Isso para o homem compreender os verdadeiros fenômenos naturais. O papel do *homo philosophicus* expressa na construção do *eu-mundo* diante de si. Há uma medida racional de interdependência na colônia, um processo de civilização e racionalização. Entendemos que esse processo é um produto que emergiu de um processo histórico e humano. Um resultado de um planejamento calculado que o homem ganhou ao longo de sua experiência e reflexão. (OLIVEIRA, 2012, p. 2002)

Houve um processo histórico, uma aplicação racional que objetivava a pedagogia e sem planejamento e calculado, os jesuítas não conseguiria mover esta máquina pedagógica. O projeto de formar um Seminário não é uma iniciativa de Alexandre de Gusmão. Lembrando o que Inácio de Loyola (2006) afirmava em cartas enviadas aos padres da Alemanha e ao Duque Alberto V sobre a necessidade de fundar Seminário para proveito educativo e doutrinário dos padres jesuítas, expressa:

Compreenda o Duque quão útil será para os seus e para toda a Alemanha, ter **seminários** de pessoas que, trabalhando sem ambição nem avareza, ajudam os outros com doutrina recta e exemplo de vida, e quão grande bem alcançou o Rei de Portugal que, só com um colégio que tem no seu reino, tem provido de operários espirituais tantos lugares da Índia, Etiópia, África e até fora do seu reino (...) Entenda também quão grande será a sua glória, se for o primeiro a introduzir na Alemanha estes seminários e colégios para proveito da sã doutrina e piedade. (LOYOLA, 2006, p. 296 – 297)

Percebemos que a necessidade de composição de uma unidade escolar de formação interna era vinculada a herança escolástica. Quando os jesuítas colocaram os pés na colônia brasileira eles tiveram necessidade de seguir o exemplo paterno de seu fundador.

### **Bons costumes e sua prática cotidiana**

A Coroa representava o mundo português e demonstrava seus interesses na colônia que versava a exploração dos viveres contribuindo para o crescimento de Portugal. A pesquisadora Nascimento (2007, p. 184) entende que no Brasil colonial, “a rede de alianças formada pelo clero, colonos e a Coroa resultou num acerto de interesses para a organização eclesial, mas não eclesiástica”. Isso a autora afirma porque “a Igreja Católica, como representante da comunidade dos cristãos”, organiza-se “como uma estrutura administrativa, juridicamente delineada a serviço da metrópole” (Ibidem, 2007, p. 184).

Além de favorecer a administração de Portugal, o desejo do projeto jesuítico era fornecer mão de obra letrada para propagação da cultura portuguesa nas terras brasileiras. Alexandre de Gusmão estava neste projeto colonial e seu desejo era ensinar e promover os bons costumes. Essa forma de entender o mundo levou o jesuíta a lembrar da experiência do Fundador da Companhia e suas recomendações sobre fundação de Seminários. Em Loyola ele tirou inspiração e nas obras *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia* e *Escola de Belém* apresenta a proposta gusmanina. Estas obras antecedem a fundação do Seminário e exprime a aspiração de abrir esta instituição escolar.

No início da *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia*, Alexandre de Gusmão entende que seu principal objetivo é desenvolver um *Tratado* que possibilite criar meninos perfeitos para que nos anos da “adolescência chegue a ser um perfeito mancebo” (GUSMÃO, 1885, *Prólogo ao Leytor*, fls. iiij). Havia a necessidade do autor escrever aos pais e informar sua obrigação para com a boa criação.

*Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia* entende que a criança nos anos de descrição<sup>11</sup> deveria ter uma atenção especial dos pais que deveriam conservar a tradição religiosa. Eles teriam a obrigação de apresentar a fé cristã, a esperança, a castidade, o credo, o Pai Nosso, os Mandamentos, os sete Sacramentos que seria essencial para livrar a criança do inferno.<sup>12</sup>

Entendia Alexandre de Gusmão que era de suma importância que a criança nos primeiros anos de vida percebesse a diferenciação entre amor a Deus e o ódio pelo pecado: “quando os pays os procurarem crear na inocencia da vida, no temor de Deos, & ódio ao peccado, no amor da castidade, & aborrecimento a toda deshonestidade, & quando os pays forem nisto cuidados, será sua offerta mais agradável a Deos” (GUSMÃO, 1685, p. 198). Toda essa preocupação que os pais deveriam ter com as crianças mostra-se um empenho cansativo e garrido.

... excessivo o trabalho, que os pays cuidadosos, & honrados padecem na boa criação dos filhos. Que anciãs, que fadingas, que perigos, & que tribulações nam passa hum pay honrado na guarda, sustentação, & criação de seus filhos? (GUSMÃO, 1695, p. 68)

A falta de dedicação à criação dos pais em relação aos filhos levava Alexandre de Gusmão (1685, p. 201) entender que se as crianças não recebesse instrução pautada nos bons costumes com empenho e trabalho “dos pais”, elas poderiam torna-se pecadoras e o pecado se enraizaria no coração: “He o peccado nos primeiros annos da puerícia como peçonha no coração”.

Ele acaba colocando toda responsabilidade nos pais que não educaram as crianças nos bons costumes e chegaram à fase adulta como homens torpes e desonestos:

escandalizaram o mundo, & estai certos, que a causa de muitos viverem toda sua vida em vícios, envelhecerem, & morrerem em torpeza, & deshonestidade, he pelo descuido, com que seus pays deixaram lavrar esta peçonha do peccado em seus coraçõens nos primeiros annos da puerícia. (GUSMÃO, 1685, p. 204)

Todas as tarefas que a colônia proporcionava no dia-a-dia, uma das que mais preocupava Alexandre de Gusmão, era com as condições de amamentação das crianças. Para o autor colonial “a primeira coisa que devem atender os pays na creação dos filhos, enquanto infantes, são os perigos, a que está exposto àquela tenra idade, enquanto não recebem a água do batismo” (GUSMÃO, 1685, p. 170).

11 Anos de descrição é um termo usado por Gusmão (1685, p. 189) para indicar os anos que a criança começa a falar e ter percepção dos sons.

12 Essa prática foi descrita por Gusmão (1685, p. 192-193) na *Arte De Criar Bem Os Filhos Na Idade Da Puericia*.

O perigo que poderia acontecer ao qual relata o autor colonial na *Arte de criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia* é a mortalidade em decorrência a sonolência materna que levava ao infanticídio. Muitas mulheres (amas-de-leite) sem intencionalidade levavam os infantes à morte quando dormiam sobre eles apertando-os com o peito.

Nas terras brasileiras, enquanto as senhoras da casa gozavam do ócio em sua prisão patriarcal as amas-de-leite sofriam de sonolência provocada pelo trabalho do dia-dia. A ama-de-leite que dormisse com a criança no peito provocando o sufocamento e a morte, era julgada e tratada como culpada. Escreve o autor: “O que neste particular se pode advertir as amas, que lhes dão de mamar, e, que não durmam com a criança ao peito” (GUSMÃO, 1685, p. 171).

Alexandre de Gusmão também entendia como um crime às mães que faziam desmamar as crianças dando os seios com fel. Essa prática era tão comum na colônia brasileira que Alexandre de Gusmão constatou que muitas mulheres sem instrução ofereciam os peitos infeccionados aos filhos. Para o autor “as mães que davam o peito com fel as crianças”, eram tratadas como bruxas: “as bruxas são as diabólicas mulheres feiticeiras, que costumam matar as crianças chupando-lhe o sangue ou dando a chupar as tetas infeccionadas com veneno” (GUSMÃO, 1685, p. 172)<sup>13</sup>.

Outro aspecto no discurso de Alexandre de Gusmão que nos chama atenção é a proteção que deveria ter a criança ao nascer. Para a pedagogia gusmanina a guarda do infante é preciosa por isso deve-se “guardá-los das Bruxas, que os não matem antes do batismo” (GUSMÃO, 1685, p. 171). Quando Alexandre de Gusmão fala da necessidade de batismo, entende-se também uma necessidade e cuidado para conservação das crianças.

Em primeiro lugar temos que entender que o autor colonial escreveu isso porque havia uma prática comum nas terras brasileiras, ao qual ele documentou, muitas mães colocavam “fel nos seios” para as crianças desmamarem mais rápido. Alexandre de Gusmão se posicionava contrário a essa prática de desmame que era comum. Não deviam as mães colocar fel nos bicos dos peitos para fazer a criança desmamar, “e se aborrecer com o leite que antes amava” (GUSMÃO, 1685, p. 199). Para Alexandre de Gusmão isso era um pecado grave e a fazia aproximar-se do demônio.

Aos professores também entendia a responsabilidade de criação e conservação da vida e dos bons costumes. Para ele, era necessário contratar professores com salário digno. Isso seria um investimento que refletiria na forma como estes lidariam com a formação das crianças. Com salários dignos, eles educarão as crianças na virtude e doutrina, estes não faltarão com competência e ocupação na prática do ensino (GUSMÃO, 1685, p. 155).

A pedagogia apresentada por Alexandre de Gusmão entende que “a boa criação dos meninos, que professa a Companhia, seja traça, ou aprovação da santíssima Virgem, segue-se, que os modos de os criar, que usa a Companhia, também foi traça” (GUSMÃO, 1715, p. 361). A forma humilde de se pronunciar sobre a prática educativa da Companhia lembra-se da mensagem inaciana cuja construção apresenta-se de forma simples do âm-

13 Segundo Vainfas (2002, vol. 1, p. 2) a chegada do Santo Ofício nestas terras é praticamente ignorada pelos livros didáticos sobre história do Brasil e durante anos a historiografia deixou a margem esse problema. Mas percebemos que 95 anos depois da primeira visita do Santo Ofício o imaginário de Alexandre de Gusmão ainda assimilava toda influência e credence cristã sobre a imagem folclórica da bruxa.

bito da prática docente. Por isso continua o autor na *Rosa de Nazareth nas Montanhas de Hebron* ressaltando:

que a intenção toda de Santo Inácio em buscar em todas as suas obras a mayor gloria de Deus, que para seguir esse fim, escolheu por meyo mais útil a occupação de ensinar as letras aos mayores, & os bons costumes aos pequenos, & que para isso não podia haver commodo mayor, que ajuntar os mayores as classes publicas, & os menores aos Seminários separados. (GUSMÃO, 1715, p. 361)

Ensinar as letras e bons costumes é a forma de compreender o mundo que a Companhia de Jesus estabelece para alcançar os indivíduos. As crianças deveriam ser criadas dentro de um padrão pedagógico que eliminaria os apetites (ou vícios). A boa criação é aquela que limita a liberdade da criança e apresenta a tradição cristã.

O professor cabe essa responsabilidade de educar. A responsabilidade do professor se iguala a dos pais, por isso o trato e o cuidado são necessários para o caminho dos bons costumes. A posição do professorado que Alexandre de Gusmão constrói é na perspectiva do *Ratio Studiorum* e das *Normas Complementares*: “os ofícios dos mestres, aio e tutor sejam diferentes no cuidado e na obrigação, porque assim como todos compete o mesmo nome de pais, assim incumbe à obrigação” (GUSMÃO, 1685, p. 82).

Sobre a obrigação dos professores encontramos várias pontuações, ficaremos por hora com o primeiro capítulo, sobre as *Regras do Provincial* que diz:

Como um dos ministérios mais importantes da nossa Companhia é ensinar ao próximo todas as disciplinas convenientes ao nosso Instituto, de modo a levá-lo ao conhecimento e amor do Criador e Redentor nosso, tenha o Provincial como dever seu zelar com todo empenho para que aos nossos esforços tão multiformes no campo escolar corresponda plenamente o fruto que exige a graça da nossa vocação. (*RATIO STUDIORUM*, 1952, 119, § 1)

E nas *Constituições da Companhia de Jesus* em favor dos bons costumes e em nome da boa disciplina dos alunos conseguimos encontrar:

Nos Institutos onde o ensino dos formandos é ministrados pela Companhia, os professores devem ter presente que a missão recebida do Provincial inclui também a formação. Por essa razão deve-se escolher uma equipe de professores apta para o trabalho científico, para o ensino e para cooperar na formação integral dos estudantes. (*CONST*, 2004, p. 258)<sup>14</sup>

Para os que tiverem cometido alguma culpa, quer na aplicação devida ao estudo, quer no que respeita aos **bons costumes**, e com quem não bastam boas palavras e repreensões, haverá um corretor que não seja da Companhia, para incutir temor e infligir o castigo àquele que dele precisarem e puderem ser punidos. (*CONST*, 2004, p. 265)<sup>15</sup>

14 CONSTITUIÇÕES DA COMPANHIA DE JESUS/Normas Complementares, III, Parte IV, Cap. I, § 3, 62.

15 CONSTITUIÇÕES DA COMPANHIA DE JESUS/Normas Complementares, IIB, Parte XIV, Cap. XVI, [488] 5. Alexandre de Gusmão ainda entende que os meninos que foram criados em liberdade mostram-se os piores, o pai deve usar com o filho o mesmo que usa com poldrinho, de rédea, de vara e de espora. “De rédea para não ir aos apetites, de vara para corrigir os defeitos e de espora pra estimular em seguir o caminho” (GUSMÃO, 1685, p. 265).

No *Ratio Studiorum* e nas *Normas Complementares* percebemos que a preocupação com o empenho ou vocação dos ministros em ensinar deve ser visível numa prática formadora dos estudantes. Quando Alexandre de Gusmão (1685, p. 82) fala sobre “obrigação” devemos lembrar que esta palavra vem do latim, e conseguimos encontrá-la desde o século XIV com o significado de *obrigação* e no século XVII ela se configura como *obligatio* (*ōnis*). A palavra *obrigação* significa “sujeitar-se, responsabilizar, dever”, a segunda palavra, *obligatio* (*ōnis*) tem o sentido forte de “obrigação” (CUNHA, 1997, p. 555).

Ao nosso entender, Alexandre de Gusmão quando apresenta no seu texto esta palavra – obrigação – lança sobre o professor a lembrança do voto religioso de obediência em promover de forma incondicional não apenas a prática catequética como também formadora da criança conforme vimos tanto no *Ratio Studiorum* como nas *Constituições - Normas Complementares* da Companhia de Jesus.

De qualquer forma, Silva e Massino (1997) pontuam bem e não se enganam quando afirmam que a forma literária de Alexandre de Gusmão segue um padrão teológico da época. Na *História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito* eles lembram que nesta obra, Alexandre de Gusmão articula a imagem da “peregrinação” (este um conceito medieval) com a prática do bom costume de Loyola. Alexandre de Gusmão retoma assim figura de Inácio de Loyola e sua peregrinação interna, esboça uma jornada fictícia que acaba numa moralidade cristã, conforme escreveram os autores:

A peregrinação religiosa tem um lugar especial na vida do fundador da Companhia de Jesus. Sua própria história pessoal é uma fonte para a compreensão da conotação que assume a peregrinação religiosa enquanto forma de entendimento da alma humana na mentalidade do século XVI e na cultura ibérica incluindo a Luso-brasileira. (SILVA e MASSIMI, 1997, p. 74)

Entender a própria alma era levá-lo a compreensão de uma totalidade e percepção de mundo que o incluísse no mundo português. Sua prática educativa preparava as crianças para esta formação – bons costumes. Para Alexandre de Gusmão “a educação e o exercício dos bons hábitos mostram-se determinantes para a formação do homem equilibrado e virtuoso” (SILVA e MASSIMI, 1997, p. 76).

A luta interna do homem manifesta-se e confrontam-se no âmbito religioso e a virtude dos bons hábitos seria determinante para a prática de formação. Alexandre de Gusmão apresenta em seus escritos uma relação íntima com a figura de Loyola. Cumprindo as *Normas Complementares*, Alexandre de Gusmão levava consigo a ordenança sobre obediência e admiração ao fundador: “motivado pelo amor de Cristo, assumindo a obediência como carisma dado por Deus à Companhia por meio de seu Fundador, que nos une com mais constância e segurança à vontade salvística de Deus” (CONST, 2004, p. 332).<sup>16</sup>

Na obra *Árvore da Vida* Alexandre de Gusmão (1734) escreve em sentido metafórico os benefícios do sacrifício de Cristo, cujo bom costume deve ser imitado e tal possibilidade poderia se configurar na fundação de uma instituição escolar. Essa imagem sobre

os benefícios dos bons costumes apresenta-se no desejo de fundar escola e estabelecer uma prática docente:

*A, a, a, Domine Deus, quia puer ego su, e nescio loqui.* Pois recebi-me em vossa Escola: ensinai-me os documentos de vossa Doutrina, porque aparelhado estou a ser ensinado de Vós; ainda que eu sêja velho, & Vós Menino. *Senex a puero paratus sum doceri;* com ser velho estou pretes para fer ensinado de hum Menino, dizia vossò fervo Agostinho. (GUSMÃO, 1734, p. 10)

Alexandre de Gusmão absorve a imagem de Loyola como símbolo para sua produção literária. Isso ele informa em um dos seus livros no prólogo (*Ao Patriarca Inácio de Loyola*) do livro *Meditações para todos os dias da Semana* que o fundador da Companhia foi sua principal inspiração:

este livrinho de *Meditações*, que para uso dos vossos filhos, ò meu Santo Patriarca (...) e vosso admiravel livrinho de ouro dos *Exercícios Espirituais*, são obras, que vós se devem em gram parte, porque delle, como de huma mina, ou como de hum pedaço de ouro precioso, se louvarão as ricas peças, que nesta matéria sahirão d luz por muitos, e mui ricos artífices; e como esta minha obrinha seja também lavrada da mesma matéria, que as outras. (GUSMÃO, 1689, *Ao Patriarca Santo Ignácio Fundador da Companhia de JESU, fl - iij*)

A sua produção passa pelo exemplo de Loyola e oferece a Alexandre de Gusmão matéria para meditar e refletir sobre o mundo e bons costumes.

He de tanta importância a boa criação dos filhos da idade da puerícia, que em todas as idades do mundo os philosophos em seus livros, os magistrados em suas Repúblicas, & Igrejas em seus Concílios, procuraram sempre estabelecer, o que nam fariam com tam encarecidas palavras se nam vissem, & experimentassem sua importância. (GUSMÃO, 1685, p. 152)

Percebemos que no âmbito espiritual Alexandre de Gusmão trafega de forma coerente para os padrões da Companhia e na pedagogia explica que a forma educativa e a seriedade da boa criação dos filhos nos primeiros anos de vida surge na importância como o Estado (aqui chama ele de República) trata as crianças, fazendo isto, esta boa criação seguirá a criança a vida inteira.

## Conclusão

A *Arte de criar bem os filhos na Idade da Puericia*, no qual foi citado, é um tratado propriamente dito que não está exageradamente carregado com analogias e metáforas como por exemplo, a *História do Peregrino e seu Irmão Precito* ou a *Árvore da Vida Jesus Crucificado*. Esta obra contribui para entendermos realmente o que Alexandre de Gusmão entendia por pedagogia e bons costumes. Para a criança adquirir bons hábitos dever-se-ia oferecer condições para viver bem e representar o Rei e o reino português na sociedade.

Para Alexandre de Gusmão ter bons costumes é adquirir bons conhecimentos e práticas educativas pautadas na formação do indivíduo.

Os bons costumes devem ser compreendidos como um projeto de vida, uma projeção do ser. Os bons costumes ensinados por Gusmão, leva a crianças habituar-se à doutrina cristã pregada na colônia: alertando sobre o que é bom e mal, justiça e injustiça, ânimo e preguiça, amor e mimo... Habituar-se e acostumar-se com bons costumes está relacionado com o respeito, os valores e a religiosidade portuguesa. Essa dádiva é aprendida por meio dos pais e professores despertando aos poucos as percepções da criança levando-as a entender o mundo, a República e sua existência. Este Tratado tem como fim “formar meninos perfeitos para que nos anos da adolescência chegue a ser um mancebo primoroso” (GUSMÃO, 1685, *Prólogo ao Leytor, fl – ij*).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### LIVROS E DOCUMENTOS

ABREU, C. de. **Capítulos de História Colonial (1500 – 1800)**. Rio de Janeiro: Briguet, 1969, p. 220.

ALDEN, D. **The Making of an Enterprise**. The Society of Jesus in Portugal, Its Empire, and Beyond/1540 – 1750. Califórnia: Stanford University Press, 1996.

**CONSTITUIÇÕES DA COMPANHIA DE JESUS/Normas complementares**. São Paulo: Loyola, 2004.

GUSMÃO, Alexandre de. **Escola de Bethlem, Jesvs Nascido no Prezepio. Pello P. Alexandre de Gusmão da Companhia de JESU da Provincia do Brazil**. Dedicado Ao Patriarcha S. Ioseph. Évora: Na Officina da Universidade, 1678.

\_\_\_\_\_. **Arte De Crear Bem Os Filhos Na Idade Da Puericia. Dedicada Ao Minino De Belem Iesv Nazareno**. Dedicada Ao Minino de Belém, Iesv Nazareno. Lisboa. Officina de Miguel Deslandes, Rua da Figueira, 1685.

\_\_\_\_\_. **História do Predestinado Peregrino, e seu Irmam Precito, Em a qual debaixo de huma misteriosa Parabola se descreve o successo feliz, do que se ha de salvar, & a infeliz sorte do que se ha de condenar**. Dedicada ao Peregrino Celestial, S. Francisco de Xavier, Apostolo do Oriente. Évora: Officina da Universidade, 1685.

\_\_\_\_\_. **Sermão Que Pregou na Cathedral da Bahia de Todos os Santos**. Lisboa. Officina de Miguel Manescal, 1686.

\_\_\_\_\_. **Meditação para Todos os dias da semana Pelo Exercício das três potências da alma**, conforme ensina S.to Ignácio Fundador da Companhia de Jesus. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1689.

\_\_\_\_\_. **Rosa de Nazareth nas Montanhas de Hebron, A Virgem Nossa Senhora na Companhia de Jesv**, Dedicada à mesma Soberana Virgem em sua gloriosa Assumpção. Lisboa: Officina Real Deslandesiana, 1715.

\_\_\_\_\_. **Árvore da Vida, Jesus Crucificado. Dedicada à Santíssima Virgem Maria N. S. Ra Dolorosa ao pé da Cruz.** Obra Posthuma dada à estampa pelo P. Martinho Borges, da mesma Companhia, Procurador Geral da Provincia do Brasil. Lisboa: Oficina De Bernardo Da Costa Carvalho, 1734.

\_\_\_\_\_. “*Carta do P. Alexandre de Gusmão Provincial ao P. Geral Tirso González, da Baía, 4 de junho de 1687* [Seminário do P.e Alexandre de Gusmão em Belém da Cachoeira]”. In\_: FREITAS, César Augusto Martins Miranda de. **Alexandre de Gusmão: Da Literatura Jesuíta de Intervenção Social/Tese de Doutorado em Literaturas e Culturas Românicas** apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Universidade do Porto, 2011.

LEITE, S. **História da Companhia de Jesus no Brasil**, Tomo V. Lisboa: Portugália, 1945.

\_\_\_\_\_. **História da Companhia de Jesus no Brasil**, Tomo VII. Lisboa: Portugália, 1949.

LOYOLA, I. de. “*SANTO INÁCIO DE LOYOLA/CARTAS*”. In\_: (org) COELHO, António José, S.J. **CARTAS**, 2006, p. 296-297.

PEREIRA, N. M. **Compêndio Narrativo do Peregrino da América.** Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1959, p. 46.

PITTA, R. **História da América Portuguesa.** São Paulo/Rio de Janeiro/Porto Alegre: W. M. Jackson Inc, 1958, p. 335;

“*RATIO ATQUE INSTITUTIO STUDIORUM*”. In\_: FRANCA, Leonel. **O Método Pedagógico dos Jesuítas – O Ratio Atque Institutio Studiorum.** Rio de Janeiro: AGIR, 1952.

RIEDEL, D. **Coqueirais e Chapadões/Sergipe e Bahia**, 2ª Ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1959

VAINFAS, R. “A Inquisição e o cristão-novo no Brasil Colonial”. In: (org) P. R. Pereira. **Brasiliana da biblioteca nacional: guia das fontes sobre o Brasil.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002

VIOTTI. H. A. **O Anel e a Pedra/ dissertações históricas.** Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia Limitada, 1993.

## DICIONÁRIO

CUNHA, A. G. da. **Dicionário Etimológico – Nova Fronteira da língua Portuguesa.** 2ª Ed. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1997.

MACHADO, D. B. **Bibliotheca Lusitana – História, Crítica e Cronologia**, Tomo I. Lisboa: Oficina de António Isidoro da Fonseca (1741 – 1759), 1741.

SILVIA, I. F. da. **Dicionário Bibliográfico Português/Aplicáveis a Portugal e ao Brasil**, Tomo I, Lisboa: Imprensa Nacional, 1858.



## ARTIGOS DE REVISTAS ELETRÔNICAS

NASCIMENTO, M. I. M. “Instituições escolares no Brasil colonial e imperial”. In\_: **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas: Gráfica da Faculdade de Educação - Unicamp, n.28, p.181 –203, dez. 2007. Disponível na World wide web: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos\\_pdf/Maria\\_Isabel\\_M\\_Nascimento\\_artigo.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Maria_Isabel_M_Nascimento_artigo.pdf)

OLIVEIRA, F. F. “No processo de uma Educação Colonial”. In\_: **Revista HISTEDBR On-line**: IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas História, Educação e Sociedade no Brasil, 2012, p. 2002. Disponível na World wide web: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/3.01.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/3.01.pdf)

SILVA, P. J. C. da e MASSIMI, M. “A construção do Conhecimento psicológico na obra *História do Predestinado Peregrino e seu irmão Precito* (1682) de Alexandre de Gusmão S.J.”. In\_: **Revista da SBHC**. Campinas: Unicamp, nº 17, 1997, p. 71-80. Disponível na World wide web: <http://www.ifi.unicamp.br/~ghhc/sbhc.htm>

## DISSERTAÇÕES E TESES

FREITAS, C. A. M. M. de (2011). **Alexandre de Gusmão**: Da Literatura Jesuíta de Intervenção Social/Tese de Doutorado em Literaturas e Culturas Românicas apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Universidade do Porto.